



## DIVERSIDADE E INCLUSÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Talita Kito <sup>1</sup>

Anilde Tombolato Tavares da Silva <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O discurso: “para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra com sucesso, é necessário um ensino de qualidade”, é muito conhecido, divulgado e verdadeiro. Assim, na educação o profissional deve ser qualificado e competente para estar à frente de uma sala de aula. É importante também que dentro de uma instituição de Educação Infantil, a criança seja respeitada. Para que isso ocorra, ela deverá ter o direito de brincar, de ter um ambiente estimulante e seguro, deverá ser auxiliada na exploração de sua curiosidade e imaginação, deverá ser respeitada quanto a sua raça, cultura e religião, etc. Mas para que isso se efetive, depende do profissional que trabalha neste ramo. Ele deverá ser qualificado e competente a ponto de conseguir coordenar o educar com o cuidar, no cotidiano escolar (OSTETO, 2000).

Partimos do princípio de que o estágio é “um retrato vivo da prática docente” (PIMENTA; LIMA, 2010 p. 127) e através dele, nós estagiários sentimos na pele a realidade da educação atual. Por isso, é um exercício de reflexão em que o estagiário contribui para a reflexão sobre a identidade da profissão e enxergar que esta profissão não tem fim, é inacabada: está em constante construção, pois a cada dia há novos desafios impostos pela sociedade e a necessidade de se reciclar e estudar para conseguir responder a altura do exigido.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Contato: talita\_kito@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação e Professora do Departamento de Educação e orientadora da Disciplina de Estágio em Educação Infantil da Universidade Estadual de Londrina.

Diante da importância do papel do estágio na formação do pedagogo, este texto traz o relato de nossa experiência com a diversidade e a inclusão, realizada durante o desenvolvimento da disciplina de estágio em Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina durante o ano de 2011 num Centro de Educação Infantil de cunho filantrópico localizado na cidade de Londrina-Pr. Esta instituição atende cerca de 200 crianças de 0 a 5 anos.

Nossa proposta foi desenvolvida especificamente na sala do Pré II, com crianças de uma faixa etária entre 4-5 anos, totalizando 18 crianças. O tema que escolhemos: “Diversidade e Inclusão”, focando mais a questão do respeito pelo diferente se deu pelo fato de ter entre os alunos, uma criança portadora de Síndrome de Down que, aliada a nossa dificuldade e falta de conhecimento sobre a inclusão decidimos enfrentar este desafio para assim, contribuir para na formação do pedagogo inclusivo.

## **ATIVIDADES**

Após a escolha do tema e aprovação da professora regente e supervisora de estágio, as atividades foram realizadas num período de 5 dias. Na primeira intervenção, optei por estabelecer um diálogo sobre “Diversidade e Inclusão na Escola” para explorar o que as crianças conheciam sobre o assunto. Na apresentação, houve a valorização do respeito à diferença e relatos de situações desagradáveis que acontecem por conta do desrespeito à Diversidade. Foi abordado diferenças existentes entre gêneros, raças, cabelos, deficiências, etc. e para que isso fosse ilustrado, foram utilizadas figuras de pessoas diferentes, animais e plantas, com o objetivo de mostrar que existem diversidades entre os homens, animais e natureza. Foi proposto para que observassem os coleguinhas do lado e respondessem se aparentemente eram iguais e depois passar um espelho para que cada um se olhasse e respondesse se era igual ao outro. Aproveitando as respostas dadas, questionamos com isso que as sensações que temos a certos estímulos são iguais, mas que somos diferentes “por fora” (cada um tem um rosto, um cabelo, uma cor, etc.), mas que nem por isso somos melhores ou piores que o outro, por isso, devemos respeitar o colega, para sermos respeitados também. Por fim, foi proposto

uma atividade de desenho (com lápis de cor ou giz de cera), para que representassem as diferenças aparentes entre meninos e meninas. Pedimos que explicassem o desenho e enfatizamos sempre que somos “diferentes” em alguns aspectos físicos, mas iguais enquanto espécies e por isso precisamos nos respeitar.

Com o objetivo de apresentar as diferenças culturais e incentivar o trabalho coletivo, no segundo encontro, utilizamos um mapa Mundi e figuras de pessoas de diferentes nacionalidades em seus respectivos países ou continentes que apresentam tais características, mostrando que existem pessoas diferentes no mundo todo com diferentes cores, costumes, tipos de comidas, músicas, danças, linguagem etc. Fizemos uma “roda de conversa” para que cada um pudesse contar sobre os lugares que nasceram seus pais, avós ou qualquer outra pessoa de seu convívio. Esta atividade nos deu a oportunidade de presenciar um momento em que as crianças puderam conhecer um pouco mais de outras culturas e ainda da história de sua própria origem. Depois, foi feita a atividade de montagem de um “boneco” coletivo, num papel craft. Cada um deveria ir até o quadro, onde o papel estaria colado e completar de alguma maneira o boneco (desenhando olhos, cabelos, pernas, etc.). Completada a atividade, as crianças foram instigadas a observar mais uma vez as diferenças físicas de cada um, buscando se reconhecer no desenho. Foi neste momento que a Amanda reconheceu a franja do seu cabelo no desenho e seus colegas lhe mostraram outras características dos colegas.

No terceiro dia de intervenção, retomamos os conceitos apresentados nos dias anteriores e propusemos a atividade de montagem do “Quebra cabeça da Diversidade”. Utilizamos como tema do contexto, a figura de diferentes crianças, de diferentes características ao redor do mundo. Cada criança recebeu seu quebra cabeças, o montou e colou numa folha e pendurou no varal para que todos verem.

No quarto dia buscamos fazer a análise da Diversidade através da Natureza. Propusemos um passeio pelo C.E.I. à procura de diferentes tipos de FOLHAS que estivessem no chão (Tamanhos, Texturas e Cores), solicitando que cada um pegasse 3 folhas diferentes para fazer a atividade e foi reforçado que as folhas são todas iguais, por serem plantinhas, folhas, mas ao mesmo tempo diferentes. Foi incentivada a percepção das crianças no sentido de que até mesmo

na Natureza há diferenças e frisado que não se deve maltratar a natureza e deve-se pegar do chão, somente o que a natureza oferecer.

Na última intervenção escolhemos finalizar nossa participação com a exibição do vídeo “Vida de Cão – somos todos Iguais e Diferentes” (2009) e durante a roda de conversa para discussão das atividades feitas sobre o tema e percepção dos resultados, objetivamos perceber os resultados das intervenções e na fala das crianças pudemos perceber tal constatação que ser diferente não tem problema e é bom.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem colocou Pimenta e Lima (2010), o estágio é “um retrato vivo da prática docente”. Com este trabalho, sentimos que o estágio de Educação Infantil, veio confirmar essa afirmação e enriquecer o processo de formação. Acredito que a oportunidade de estagiar auxilia no entendimento e na afirmação da identidade profissional, assim como afirma Ostetto (2000), pois com o estágio, acredito que consegui aprender mais sobre a realidade, o cotidiano e situações da Educação Infantil.

Senti que aprendi muito com as crianças, com a professora e com a instituição que nos abriu as portas e nos deixou a vontade, e com o estágio na Educação Infantil, pois pude entender a importância que o espaço físico faz no desenvolvimento das crianças, já que o CEI tem um espaço amplo e adequado para essa fase da infância.

Quanto à intervenção, acredito que todos os objetivos foram atingidos e que no geral o resultado foi positivo. Durante as atividades e as retomadas de uma atividade para a outra, na fala das crianças pude perceber tal constatação. No último dia, grande parte delas na roda de discussão, demonstraram que ser diferente não tem problema e é bom.

Em suma, se atentarmos para o fato de que cada ser humano é diferente, todos seriam anormais e todos seriam excluídos. O que cabe à escola é entender que “um elemento estranho deveria, pois, pertencer ao conjunto, ser parte dele, ser um elemento logicamente necessário ao todo” (SOUZA; GALLO, 2002, p. 42).

## REFERÊNCIAS

OSTETO, Luciana E. (org). Encontros e encantamentos na Educação Infantil. Campinas. São Paulo: Papirus, 2000.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria do Socorro L. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2010. 5ª Ed. (Coleção Docência em formação. Série: Saberes Pedagógicos.).

SOUZA, Regina M.; GALLO, Sílvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. Educação e sociedade. 79, ano XXIII, ago. 2002.